

Eris destaca êxito monetário da gestão

A seguir a íntegra do discurso do ex-presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, durante a transmissão do cargo ao seu sucessor, Francisco André Gros.

O Exercício da presidência do Banco Central impõe responsabilidades enormes. Tal função implica em que se lidere talvez a mais gabaritada e alta equipe do Governo Federal. Exige também que o Presidente do Banco Central seja o guardião da moeda nacional e das reservas internacionais, o siso defensor da austeridade monetária e o fiscal dos desvios das instituições do sistema financeiro. Procurei exercer minha função com toda a frieza e objetividade, fazendo cara feia sempre que necessário (E, como foi necessário!). Hoje reivindico o direito dos que saem de falar de amenidades, emoções e experiências.

LLOYD BRASILEIRO — O presidente do Lloyd Brasileiro, Walter Graneiro, reúne-se hoje com técnicos do Ministério da Economia para detalhar o empréstimo de US\$ 6,7 milhões (Cr\$ 1,8 bilhão pelo câmbio comercial) que a empresa fará junto ao mercado financeiro para liberar o navio "Lloyd Pacífico". O "Lloyd Atlântico" deverá ser liberado até a próxima semana.

Antes de mais nada, permitam-me revelar-lhes como foi recompensador para um imigrante naturalizado chegar ao mais alto cargo técnico da profissão de economista. "Esta" turco-brasileiro só não fez mais por ter-se esgotado sua competência, não o amor e a gratidão ao Brasil. Consegui digerir até o espetáculo absurdo do mandato de prisão contra mim. Sempre procurei transmitir ao Gil, meu filho, o valor da honra e a obrigação de resguardar o dinheiro do povo. Deve haver mais uma lição para ele no fato de que num país onde a imprensa vem carregada de reclamações pela imunidade dos corruptos, eu quase me transformei no primeiro presidente por excesso de zelo na defesa do patrimônio público.

Confesso sentir uma ponta de orgulho por alguns avanços importantes na direção da austeridade monetária alcançados na minha gestão.

— O primeiro foi a decisão de enfrentar todas as fontes primárias de emissão. Ao invés de engajarmos-nos nas acadêmicas discussões do que seja a moeda a ser controlada, foram atacadas todas as causas de emissão monetária: déficit público, conversão de dívidas, saldo comercial excessivo, relending e financiamento estrangeiros.

— O segundo avanço foi o aperto de liquidez real que implementamos nos últimos dez meses para uma inflação, no período, de 280%, a expansão da base monetária foi de apenas 140.

— O terceiro, estabelecemos

um novo padrão de relacionamento entre o Governo Federal e os Estados, com compromissos factíveis sendo assumidos e honrados, dando um estimulante exemplo de maturidade política na área econômica.

Das muitas lições que levarei comigo daqui, gostaria de sublinhar as três mais importantes.

A primeira tem a ver com a postura (que eu defendo) liberal e modernizante do economista, a exemplo dos nossos mestres Samuelson, Arrow e Solow. Quando treinados, aprendemos que a ação da política econômica deve-se fazer através e não contra o mercado. Assim, é recomendável, por exemplo, substituir a arbitrária fixação da taxa de câmbio através de portarias pela implantação do câmbio fluente, onde o Banco Central passa a ser mais um parceiro — o maior, certamente — no jogo da formação do preço da divisa. A atuação do Banco Central neste mercado e no de ouro fecha o circuito que progressivamente produzirá o mercado livre de divisas. Nada mais gratificante para constatar o sucesso desta iniciativa do que a prova do pudim, como recomenda o mestre Delfim Netto: durante, nosso mandato, o País passou de US\$ 3 bilhões para US\$ 8 bilhões de reservas líquidas disponíveis. O ágio no paralelo bamboleia entre 10 e 15% e o desempenho das nossas contas comerciais neste ano aponta para um saldo em torno de US\$ 15 bilhões. Contraponho este liberalismo moderno a tentativa de se ressuscitar

idéias liberais pré-históricas empalhadas, credores da mesma reverência que devemos a Marx, enquanto geradores de novos pensamentos. Considero, portanto, anacrônico defender que qualquer solução de mercado é boa simplesmente porque ditada pelo mercado. Temos sim a obrigação de corrigir anomalias quando provocadas, por exemplo, por processo mega-inflacionários. É neste contexto que eu situo a criação do Fundão, pelo qual a ansiedade da sociedade em ficar curta em suas aplicações é utilizada de forma corretiva em seu próprio benefício e não destinada a meramente aumentar a rentabilidade do sistema financeiro. Nosso próprio sistema financeiro é outra anomalia da inflação pornográfica do passado. Como principal beneficiário da inflação, graças aos ganhos auferidos sobre recursos sub-retribuídos de terceiros, o setor hipertrofiou-se, enquanto a inflação se acelerava. Agora é hora dele voltar-se para dentro de si mesmo, encolher, ganhar eficiência, servir à sociedade no seu papel social de intermediário do progresso, abandonando privilégios corporativistas do passado.

Falar nos custos do combate à inflação é entrar na segunda lição que gostaria de enfatizar. Temos que superar a imaturidade de exigirmos o combate à inflação, mas sem aceitarmos os inescapáveis sacrifícios que tal combate provoca. Anos de busca esotérica da receita do combate indolor à inflação têm iludido nossa sociedade, a ponto de se ver hoje grandes em-

presários reivindicando o combate à inflação com retomada de crescimento. Eu desafio quem me apresente evidências de que alguma economia no mundo, com características inflacionárias como a nossa, conseguiu tal combinação. Algum sofrimento, ainda que lamentável, é sempre preferível à catástrofe do descontrole inflacionário, para a qual caminharíamos inexoravelmente se não aceitarmos a austeridade fiscal, o rigor monetário e o processo de desindexação. O resto é poesia.

A última lição que gostaria de mencionar é a confirmação, mais uma vez, de que o vínculo de credibilidade entre a sociedade e condutores da política econômica é ao mesmo tempo o mais frágil e o mais importante elo na cadeia de sucesso da ação governamental. Sem credibilidade, o melhor plano técnico, respaldado pelos mais puros ideais, ficará aquém do proposto.

Presidente Gros, é com satisfação que deixo esta Casa nas suas mãos amigas e experientes desejando-lhe só sucesso. Quero congratulá-lo por trabalhar para o Presidente Collor, comandante leal, cujo pulso firme em respaldar sua equipe no enfrentamento das pressões que recebíamos faz dele o único credor de qualquer sucesso que tenhamos alcançado.

Finalmente, quero agradecer mais uma vez o carinho e companheirismo da ministra Zélia e de sua equipe, de cujo convívio tive o privilégio de participar.

Muito obrigado.